

## **MALÁRIA E EDUCAÇÃO: CARTOGRAFIAS DOS SERTÕES JAGUARIBANOS EM TEMPOS DE PESTE (1937-1942)**

**Gláubia Cristiane Arruda Silva**  
Doutoranda em História pela UFPE  
Bolsista da FACEPE  
[glaubiacruziane@yahoo.com.br](mailto:glaubiacruziane@yahoo.com.br)

Na região do Baixo Jaguaribe,<sup>i</sup> no Ceará, entre os anos de 1937 e 1942, o verde das esguias carnaubeiras, que se multiplicava aos milhares, achava-se, por assim dizer, sombreado pelo preto que se espalhava nas roupas simbolizando a dor e o luto. No fatídico ano de 1938, a maioria da população cobria-se de adereços lúgubres, como a testemunhar a própria expiação. Viajando pelos municípios atingidos pela doença, Leônidas Deane, um dos chefes do destacamento científico do SMNE, ocupando posto de trabalho no laboratório central sediado na cidade de Aracati, reconstrói a imagem forte que se fixou em sua memória e descreve o estado de calamidade provocado pela epidemia de malária: *“pareciam comunidades religiosas em que todo mundo andava de luto. Era uma coisa impressionante quando se descia naquelas cidades, a população toda de preto por causa da epidemia.”*<sup>ii</sup>

Nas igrejas, o som do campanário não convidava apenas para a missa, pois era, quase sempre, anúncio de morte que chegara de novos e repetidos endereços. Para termos uma pálida idéia da gravidade com que se manifestava a epidemia, só nos oito primeiros meses foram contabilizados cerca de quatorze mil mortes. Nos povoados rurais do Baixo Jaguaribe, a doença chegou a atingir mais de 90% de seus habitantes.<sup>iii</sup>

Embora a quantificação do número de mortos nos seja importante como parâmetro de análise, não desejo incorrer no erro das interpretações que reduzem a história das doenças à catalogação de números frios, desencarnados de seus aspectos sócio-culturais. Faz-se oportuno, para além desse modelo de abordagem metodológica, buscar interpretar como as pessoas, que sobreviveram à epidemia de malária, passaram a significar e a representar este marcante evento em suas vivências. O historiador, dessa forma, não deve se furtar ao estudo e a análise das emoções que, de modo bem particular, permeiam as ações humanas e, notadamente, os acontecimentos históricos.<sup>iv</sup>

As narrativas em torno das doenças se manifestam através de uma linguagem que lhes é própria, justamente por estas serem atravessadas de sentimentos que tendem a destituí-las tão simplesmente de seu caráter físico ou patológico. A relação entre o corpo molestado por uma enfermidade, as linguagens que tentam traduzi-la e as memórias, que dela resultam, acabam por criar uma nova doença, como ressalta Ítalo Tronca:

Da perspectiva de uma História Cultural, a doença, sobretudo as grandes doenças, e sua memória, revestem-se de um caráter “delirante”, no sentido de que as linguagens que as instituem e representam deslocam-se do seu referencial material e criam uma outra doença, um espécie de ser simbiótico que reúne traços do fenômeno biológico juntamente com os da cultura.<sup>v</sup>

Um grande mal ou sua dimensão sócio-cultural transmuda o simples acontecimento patológico. A incidência da malária, tal qual uma pequena fissura que lentamente se amplia, tomou enormes proporções ao interferir diretamente no cotidiano<sup>vi</sup> dos habitantes da região e provocar modificações em suas vidas.

Tomando como ponto de partida essa epidemia podemos inferir também o quanto havia, por parte de várias camadas da sociedade e, em especial dos membros da Fundação Rockefeller que integravam o Serviço de Malária do Nordeste (SMNE), uma preocupação com o processo de “educação sanitária” da população residente na região, fossem elas da zona urbana ou rural. O objetivo, de certa forma, era tornar as pessoas mais esclarecidas quanto às causas da doença e as formas de combatê-la.

Havia também, não podemos esquecer toda uma política nacional voltada na época para a “educação” dos indivíduos que residiam no interior do País. Intencionava-se colocar em prática todo um *ideário higienista* entre aqueles que residiam nos “sertões” do Brasil.

Na região do Baixo Jaguaribe, quando do período de incidência da doença, não ocorria de forma contrária. Para tanto, eram utilizados vários meios de comunicação com o intuito de difundir tais idéias: jornais, peças de teatro, cinema, rádio... Não podemos esquecer também de mencionar a presença dos guardas da malária que tinham como uma das suas principais funções “educar” os habitantes da região, de acordo com os preceitos higienistas, informando-os as novas formas que deveriam agir para não proliferar ainda mais a epidemia como: soterrar aterros, tampar cacimbas, manter os

---

potes sempre protegidos, usar mosquiteiros, não deixar depósitos com água parada, dentre outros.

Dentro dessa perspectiva, cabem alguns questionamentos que irei apontar aqui, muito embora tenha a consciência de que não poderei desenvolvê-los em sua plenitude neste pequeno texto: como reagia a população diante dessas novas propostas higiênicas? como sanitaristas, médicos, cientistas e outros profissionais da saúde, brasileiros e norte-americanos, conviviam cotidianamente com os habitantes da região do Baixo Jaguaribe? Como se estabelecia essa relação? Como formas por vezes tão distintas de perceberem a realidade que os circundavam (co)existiam em um mesmo espaço?

Busco, portanto, explorar a violência e o choque quando uma ordem [a da ciência médica] procura impor a sua visão de mundo à outra, no caso os habitantes do Baixo Jaguaribe com seus valores e crenças. O destino desta pesquisa é, portanto, o próprio caminho. São as dinâmicas, os conflitos, as relações entre um serviço de saúde e pesquisa institucionalizado e uma população violentada em seus corpos e íntimos por uma doença.

### **Deus castigava e o povo adoecia**

Embora tenha sido realizada uma ampla campanha com o intuito de esclarecer as formas de contágio da malária, nos relatos de memória colhidos na pesquisa de campo, foi possível perceber também a coexistência de aspectos científicos e religiosos na explicação da doença e do grande número de mortes nos lares das famílias jaguaribanas.

Além dos jornais da capital cearense trazerem reportagens enfatizando as formas de contágio da malária bem como sua profilaxia, juntamente com as explicações dadas pelos guardas da malária que trabalhavam no SMNE (Serviço de Malária do Nordeste), encontramos referência, especificamente, a outras duas campanhas de esclarecimento realizadas na cidade de Limoeiro, que tinham como objetivo principal explicar à população sobre as causas e efeitos da febre palustre.

Em setembro de 1938, a elite limoeirense, desejando diminuir o estado de pânico que se instalara em toda a cidade, encenou, no Cine Teatro Moderno da cidade, a peça “O Mosquito da Malária”. O cordel *Fatos que Marcaram Limoeiro* faz menção à peça teatral de autoria de Hecílio Costa; todavia, para o memorialista e autor do cordel, a peça chamava-se “Muriçoca da Malária”. Segundo Irajá Pinheiro, *o cenário era sempre o grande rio, com a malária se alastrando até o mar.*<sup>vii</sup>

Além da encenação da peça teatral, outras campanhas, com o intuito de sensibilizar a população no combate ao mosquito transmissor, foram realizadas. O jornal *A Voz do Campo* publicava, em agosto de 1938, o resultado do concurso de frases, promovido pelas alunas da Escola Normal Rural de Limoeiro, sobre o surto de malária que assolara a região.

A frase vencedora da aluna Maria José Guedes trazia um histórico das devastações causadas pela malária desde os tempos das Cruzadas e conclamava a população limoeirense a combater o *terrível mosquito* antes que o mesmo causasse mais devastações. De certa forma, a frase convidava também as pessoas a questionar o fato da doença ser tão antiga e, mesmo assim, não ter sido exterminada por completo. Dizia ela: *A malária destruiu no tempo das Cruzadas quase toda Europa, e destruirá a nossa civilização se não a combatermos, devidamente, exterminando a sua causa, que é o mosquito.* (Maria José Guedes – 2º ano secundário).<sup>viii</sup>

Ainda que não tenha sido a ganhadora do concurso, já que alcançou somente a terceira colocação, chamo atenção especial à frase da aluna Antonieta Rabelo pela associação do ato de combater o mosquito transmissor da doença ao sentimento de patriotismo, tão difundido na época pelo governo do presidente Getúlio Vargas. O ato de combater a doença, portanto, deixava de ser simplesmente uma ação preventiva e tornava-se também um “dever cívico”. Apelava-se assim para o sentimento patriótico da população do Baixo Jaguaribe. O forte apelo nacionalista faz parte de todo um contexto histórico vivenciado durante toda a década de 1930. *Ser brasileiro e não combater a malária é não ter nenhum sentimento de patriotismo e fraternidade.* (Antonieta Rabelo - 1º ano secundário)

Além das frases citadas anteriormente, também foi publicada, na mesma matéria, a frase da aluna Santadinha Oliveira, do 2º ano primário, vencedora do concurso realizado entre as alunas do curso primário, - que se sobressaiu pela originalidade do espírito infantil: *A malaria é mais pior do que bicho papão.*

Ao analisarmos a frase da Santadinha, podemos perceber que, para além do caráter original, sua associação entre a doença e “bicho papão” deixa transparecer todo um imaginário da época. A malária, ao ser responsabilizada por todo estado desolador pelo qual estava passando a população limoeirense, tornava-se, assim, a própria personificação do grande mal que aterrorizava o imaginário infantil, ou seja, o “bicho papão”. O artifício utilizado pelos adultos para assustar as crianças e fazerem-nas refletir sobre suas más ações - um monstro que aparecia para castigar as crianças e separá-las do convívio familiar, dos amigos... - estava personificado, naquele momento, justamente nos feitos que a malária estava causando na vida das pessoas atingidas pela doença.

Com base nos relatos deixados nos livros de tombos de algumas paróquias, é possível afirmarmos que os padres da região também foram responsáveis por esclarecer sobre as formas de disseminação da malária. Como podemos perceber no relato do Pe. Otávio Santiago:

Em situação tão difícil [referindo-se às comunidades do município de Riacho do Sangue], puz-me no campo da ação, ensinei o povo meios de preservação, fis drenagem no Riacho do Sangue, combati focos na cevencia do açude público, cercitei o povo a combater comigo o perigoso “gâmbia”.<sup>ix</sup>

Muitos depoentes procuraram explicar as causas da presença, sem controle da malária, apoiados em aspectos religiosos. A Sra. Ana Felícia Chaves, por exemplo, lembra que seu pai atribuía o grande número de vítimas da doença à falta de reza por parte das pessoas. Segundo a nossa narradora, assim se referia seu pai: *É, vocês num reza. É por isso que aqui dentro de Russas tá morrendo gente, vocês num reza!*<sup>x</sup>

Portanto, ao associar a doença à falta de reza ou a um castigo vindo do Alto, os habitantes da região deixam transparecer, em suas falas, todo um contexto de crenças e valores morais nos quais estavam envolvidos culturalmente. De acordo com Maria Loyola, a doença, ao ser considerada um dos maiores problemas da vida, se torna um fenômeno que, ao escapar, em última instância, do controle do homem, se transforma em produto da cólera divina.<sup>xi</sup>

Muitos indivíduos nem buscavam uma explicação científica ou então nem acreditavam na versão da mesma, pois tinham a convicção de que Deus poderia, unicamente, estar testando sua fé e resignação, ao mesmo tempo em que punia a todos os pecadores que ousavam desafiar seu poder.

Para o Sr. José Gomes Nogueira, residente na cidade de Jaguaribe, a imagem da doença está relacionada a uma maldição que lançaram por sobre a população, uma vez que famílias inteiras desapareciam, membro a membro, sucumbidas diante dos tremores da malária.

Tinha um casa de um conhecido meu que morava na faixa de 12 pessoas doente. Aí, não cuidaram. Morreu tudim em menos de 3 dias. Rapaz num é bom nem falar, num sabe? Pra você ter uma idéia, num ficou um herdeiro pra contar a história, num ficou um herdeiro pra receber a herança, num ficou foi nada, só fechamo lá as porta e pronto. Num ficou pra ninguém. Aquilo era uma doença amaldiçoada. Ave Maria!<sup>xiii</sup>

A historiadora Mirian Falci observa que as doenças são, notadamente, marcadas por interrupções e rupturas. Alerta-nos também para o fato que, *se nascer, reproduzir e morrer são atos biológicos naturais, eles estão também imbuídos de condicionamentos sócio-econômicos, atitudes morais e comportamentos, influenciados por sistemas políticos religiosos.*<sup>xiii</sup>

A Sra. Maria Menezes de Aquino, moradora da comunidade de Mapuá no município de Jaguaribe, ressalta que, nos anos de incidência da malária quase perdeu sua fé. Em sua narrativa, nossa depoente enfatiza, ainda, o elevado número de terços que os membros daquele povoado realizavam em homenagem ao santo padroeiro da capela, Santo Antônio, pedindo que o mesmo advogasse em favor das pessoas da comunidade junto a Deus, para que aliviasse o sofrimento ocasionado pela presença da febre intermitente naquela localidade. Todos os dias, relembra D. Maria de Aquino, as pessoas da comunidade se reuniam na capela local para rezar, pedindo a recuperação das pessoas enfermas e pela alma das pessoas falecidas. Quando todas as ações humanas para erradicar a doença de suas vidas já estavam se exaurindo, restava-lhes a esperança na fé da intercessão do santo padroeiro junto à misericórdia divina.

A gente passava por umas situações que só Deus podia dizer o porquê daquelas aprovações. Num sei não, era tanta desgraça que tinha hora que a gente só faltava perder a fé em Deus. Era assim; a gente, como aqui sempre foi uma comunidade pequena onde todo mundo se conhece, todo dia, a gente se reunia para rezar pelas pessoas que tavam doentes, num sabe? Já que, nós tinha dado remédio e tudo que tava ao nosso alcance e, mesmo assim, as pessoas não ficavam boas. (...) Foi um desespero medonho! Eu andei bem pertim de perder minha fé porque num é brincadeira não, a gente passou mais de dois anos nessa

peleja. Todo dia era assim: de dia, dava remédio pros doente e, à noite, quando chegava da igreja, rezava mais ainda para os que tavam doente amanhecerem o dia vivo.<sup>xiv</sup>

### **Guardas do Serviço de Malária do Nordeste**

De acordo com o relatório do SMNE, quando se iniciou o trabalho de erradicação do vetor transmissor da malária no Nordeste, grande parte dos médicos e técnicos brasileiros não sabiam diferenciar as espécies de anofelinos. No entanto, o exame prático de milhares de exemplares de mosquitos, tanto na fase adulta como larvária, preparou esses profissionais para reconhecer o *gambiae* a olho nu.<sup>xv</sup>

Para além das aulas e do exame prático adquirido durante os trabalhos de campo, de acordo com o médico José Policarpo Barbosa, algumas pessoas que trabalhavam no Serviço de Malária do Nordeste recebiam um folheto intitulado *Distinção entre Anopheles gambiae e os Anófeles brasileiros nativos do Nordeste do Brasil*, para ajudá-los a identificar e classificar as larvas e mosquitos existentes na região.<sup>xvi</sup>

Policarpo Barbosa ressalta que, para além da ausência de infra-estrutura nas regiões infestadas pelo mosquito, um dos principais agravantes no combate à epidemia de malária era, justamente, o baixo índice de escolaridade das pessoas recrutadas pelo SMNE. Considerando, pois, a observação do autor, acreditamos que, apesar do auxílio do folheto acima referido, o qual indicava de maneira didática as diferenciações entre os mosquitos da região e o *gambiae*, o exercício prático no trabalho de coleta do vetor tenha sido, realmente, o maior responsável pelo êxito no combate ao mosquito transmissor da doença.

Aos guardas cabia a tarefa de esclarecer as pessoas sobre as formas de contágio da doença, bem como as maneiras de preveni-la. Para tanto, vistoriavam todos os cômodos das casas localizadas nas zonas urbana e rural, na tentativa de identificar e exterminar os focos da moléstia.

Cada equipe de guardas ficava encarregada de visitar as mesmas residências com certa assiduidade, no mínimo uma vez ao mês, para evitar a manifestação do mosquito. O trabalho de expurgo nas residências era precedido de um esclarecimento acerca do tipo de trabalho que seria ali executado. Para a aplicação do veneno era necessário que todos os membros da casa saíssem para que,

assim, os guardas pudessem iniciar o expurgo do mosquito propriamente dito. Todos os cômodos da casa, bem como os utensílios que tivessem água depositada, deveriam ser minuciosamente vasculhados.

O fato de muitos guardas da malária ser moradores da própria região facilitava o acesso dos mesmos ao interior das casas, minimizando, desse modo, a “invasão de privacidade”. Embora convictos da presença do guarda da malária no espaço doméstico de cada residência, os chefes do SMNE estavam conscientes de que o sucesso da campanha de combate ao mosquito dependeria do apoio da população. Temia-se que os habitantes dificultassem o trabalho de erradicação da doença mobilizando-se no sentido de não permitir a presença dos guardas no interior de suas casas.

Leônidas Deane, em sua entrevista à Casa de Oswaldo Cruz, ressaltou o quanto a população local se mostrava desconfiada ante os procedimentos tomados pelos membros do SMNE, durante a campanha de erradicação da malária.

O pessoal achava que aquele Verde Paris era veneno. Tem cara de veneno mesmo, é um pó verde que era jogado nas águas – o pessoal achava que os animais que bebiam aquela água morriam. E esse Baber [Marshall Baber] sabendo disso, uma vez resolveu ir a um desses lugares conosco e quis mostrar para o pessoal que isso não acontecia. Botou um pouco de Verde Paris num copo de água e ele mesmo, na frente dos donos da casa, para mostrar que uma quantidade pequena não matava. Fez essa demonstração. Não queriam, achavam que não era remédio. Para começar, não acreditavam que a malária era transmitida por mosquito, aquilo para eles era bobagem.<sup>xvii</sup>

Antes de ser, meramente, um ato de ignorância, toda expressão de resistência manifestada pela população jaguaribana, frente às iniciativas médicas no combate à malária, advinham, em boa medida, dos valores sócio-culturais compartilhados coletivamente. As experiências vividas por Leônidas Deane, chefe do destacamento científico do SMNE, quando viajava por alguns municípios do Ceará, são bastante elucidativas. Segundo ele, quando viajava pelo interior testemunhou por duas vezes a desconfiança de algumas pessoas que chegaram a comparar, ele e sua equipe, com os cavaleiros do apocalipse.

Quando estávamos lá (referindo-se ao interior do Ceará), o Padre Cícero tinha deixado como tradição a idéia de que o demônio vinha tentar provocar o fim do mundo. Ele viria primeiro sangrando a população. Depois, no ano seguinte, o diabo viria furando os olhos e no terceiro ano vinha matar todo mundo. Acontece que a nossa caminhonete tinha o número 666, que é o número do Apocalipse. Chegavam aqueles três camaradas, meu irmão, a Maria e eu, tirando sangue das pessoas — a primeira profecia do Padre Cícero. Nós estávamos tirando sangue para procurar malária, mas ficamos muito desconfiados conosco. Ameaçavam-nos de morte, não podíamos ir em tal vila porque o pessoal "vai receber vocês muito mal, podem matá-los". Então, às vezes, não podíamos ir a determinados lugares. Havia muita dificuldade. O pessoal também fugia quando chegávamos. Íamos a um sítio, por exemplo, não encontrávamos ninguém. Todo mundo tinha sabido da possibilidade da nossa vinda; iam embora, deixavam as casas vazias.<sup>xviii</sup>

Os relatos do Dr. Leônidas Deane nos fazem inferir acerca das experiências compartilhadas tanto pela população sertaneja quanto pelos guardas da malária, os quais, antes de qualquer procedimento profilático, deviam ser sensíveis diante das crenças que povoavam o imaginário local.

Considerada por muitos especialistas como a maior epidemia de malária já vivenciada em nosso país, haja vista o rol de problemas sócio-econômicos que a mesma tornou ainda mais evidentes, a malária, com todo seu cortejo de sofrimentos, fez aflorar, de maneira contraditória. Ao rememorem os difíceis tempos da malária, as lembranças emergiam como se fora uma febre, não mais intermitente, mas, tomada pela intensidade das palavras, dos gestos, dos significados, das emoções que ainda reverberam tristeza, mas, que, sobretudo, celebram a vida e não mais, simplesmente, a morte.

Os discursos produzidos em torno da epidemia de malária não devem, pois, ser tomados como algo objetivo, mas, como uma relação que se estabelece entre o indivíduo e o mundo exterior, com seu conjunto de regras, procedimentos e práticas. Ao trilhar esse percurso, as coisas ganham existência, rostos e formas, tornam-se perigosas ou não.

## **NOTAS DE FIM**

<sup>i</sup> As cinco principais cidades que, na época, compunham a região jaguaribana e que foram atingidas pela epidemia de malária eram: Aracati, União, São Bernardo de Russas, Limoeiro e Morada Nova e Jaguaribe.

<sup>ii</sup> Cf DEANE, Leônidas: “Aventuras na pesquisa.” Entrevista concedida aos pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, Nara Brito, Paulo Gadelha, Rosbinda Nunes e Rose Goldchmidt, nos dias 02/01/1987 e 16/06/1988. In: *Depoimento. Revista Maguinhos*. Vol. I (1). Jul-out 1994 [153-171]. p.163.

<sup>iii</sup> Idem. p.163.

<sup>iv</sup> Cf: MONTENEGRO, Antonio Torres. Et. Al. (org) **História: Cultura e Sentimento – Outras Histórias do Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE; Cuiabá. Ed. da UFMT, 2008. PENSAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: PENSAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frederique (org). **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Editora UFRGS. P. 9-21. REZENDE, Antônio Paulo. *O Historiador: seu tema e seu tempo*. In: **Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920**. Recife: FUNDARPE, 1997.

<sup>v</sup> TRONCA, Ítalo A. *Foucault e a linguagem delirante da memória*. In: RAGO, Margareth; LACERDA, Luiz B.; VIEIRA NETO, Alfredo (Org) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschanas**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. [119-215]. p. 119.

<sup>vi</sup> Quando me refiro a cotidiano, tomo como referência Michel de Certeau, de modo a entendê-lo como sendo constituído e construído em suas multiplicidades através das vivências humanas, das ações, das artes de fazer. Cf: CERTEAU, Michel de **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>vii</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. **Fatos que Marcaram Limoeiro**. Fortaleza; Edição do autor. 2003. p.7.

<sup>viii</sup> Jornal “A Voz do Campo”, nº 1, Limoeiro do Norte, 15/ ago/ 1938. *Concurso*.

<sup>ix</sup> Livro de Tombo 2 – Paróquia de Jaguaratama. 1937-1956. Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. P. 7.

<sup>x</sup> Ana Felícia de Araújo Chaves, 77 anos. Entrevista gravada na Comunidade de Jardim São José em Russas em 07/06/2002.

<sup>xi</sup> Maria Andréa Loyola. **Médicos e Curandeiros: conflito social e saúde** – São Paulo -DIFEL, 1984.

<sup>xii</sup> José Gomes Nogueira, 79 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

<sup>xiii</sup> FALCI, Miriam Brito. *Doença e Religiosidade*. In: LIMA, Lana Lage da Gama et. Alli. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002. p. 133-144.

<sup>xiv</sup> Maria Menezes de Aquino. 82 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, localizado no município de Jaguaribe, em 16/07/2005.

<sup>xv</sup> Relatório do SMNE. Casa de Oswaldo Cruz – COC. Doc.213. p.53

<sup>xvi</sup> BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública do Ceará: Da Colônia a Era Vargas**. Edições UFC, 1994. p. 129.

<sup>xvii</sup> Deane, Leônidas. **Depoimento**. Op.cit. 169.

<sup>xviii</sup> Deane, Leônidas. **Depoimento**. Op.cit. 169.

## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA SILVA, Gláubia C. *O beijo mortífero do gambiae: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-Ce*. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul; MARQUES, Rita de Cássia. (org). **Uma História Brasileira das Doenças. Vol. 2**. Rio de Janeiro. MAUAD Editora. 2006.

---

ARRUDA SILVA, Gláubia C. **O tremor dos Sertões: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940)** Dissertação de mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2007

ARRUDA SILVA, Gláubia C. *A marcha célere da peste palúdica nos sertões do Baixo Jaguaribe - CE (1937-1940)*. In: **Moanga - Revista dos alunos da Pós-graduação em História Social da UFC**. Vol. I, nº 1 (nov. de 2006). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2006. [122-140].

BARBOSA, José Policarpo. **História da Saúde Pública do Ceará: Da Colônia a Era Vargas**. Edições UFC, 1994.

CERTEAU, Michel de **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DEANE, Leônidas: "Aventuras na pesquisa." Entrevista concedida aos pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, Nara Brito, Paulo Gadelha, Rosbinda Nunes e Rose Goldchmidt, nos dias 02/01/1987 e 16/ 06/1988. In: *Depoimento. Revista Maguinhas*. Vol. I (1). Jul-out 1994 [153-171].

FALCI, Miriam Brito. *Doença e Religiosidade*. In: LIMA, Lana Lage da Gama et. Alli. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002. p. 133-144.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Et. Al. (org) **História: Cultura e Sentimento – Outras Histórias do Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE; Cuiabá. Ed. da UFMT, 2008.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: PENSAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frederique (org). **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Editora UFRGS.

PINHEIRO, Francisco Irajá. **Fatos que Marcaram Limoeiro**. Fortaleza; Edição do autor. 2003.

REZENDE, Antônio Paulo. *O Historiador: seu tema e seu tempo*. In: **Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920**. Recife: FUNDARPE, 1997.

TRONCA, Ítalo A. *Foucault e a linguagem delirante da memória*. In: RAGO, Margareth; LACERDA, Luiz B.; VIEIRA NETO, Alfredo (Org) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. [119-215].